

Elle Kennedy

Autora bestseller da Série Off-Campus

FAMA DE MÁ RAPARIGA



TOP
SEL
LER

CAPÍTULO 1

Genevieve

Todos os meus familiares estão nesta casa. Vestidos de preto e a encetar conversas constrangedoras em volta de pratos com queijo e tachos com comida. As fotografias de quando eu era bebé estão afixadas na parede. Alguém bate com o garfo numa garrafa de *Guinness* ou num copo de *Jameson* para fazer um brinde e contar uma história indecorosa qualquer do momento em que a minha mãe andou de *jet ski* em *topless* no desfile de barcos do Dia da Independência. Enquanto o meu pai olha constrangido para a janela, eu fico sentada com os meus irmãos a fingir que conhecemos estas histórias antigas da nossa mãe, a divertida e ousada Laurie Christine West, quando, na verdade, nunca a conhecemos de todo.

— Íamos a caminho da Florida a fumar *marijuana* na parte de trás de uma carrinha de gelados velha — começa a contar o Cary, um dos primos da minha mãe. — E a sul de Savannah ouvimos um barulho vindo da parte de trás que fazia lembrar uma lata velha...

Agarro com força uma garrafa de água com medo do que possa fazer se não tiver qualquer coisa nas mãos. Escolhi uma bela altura para ficar sóbria. Todos aqueles com quem me cruzei estão a tentar enfiar-me uma bebida na mão porque não sabem o que mais hão de dizer à pobre rapariga que ficou sem mãe.

Essa ideia já me passou pela cabeça. Já pensei em esgueirar-me para o meu antigo quarto com uma garrafa qualquer e passar o resto

do dia a emborcá-la. Só que ainda me arrependo da última vez que cometi um deslize.

Mas isso certamente ajudaria a tornar este suplício mais tolerável.

A minha tia-avó Milly está a descrever círculos em redor da casa como se fosse um peixe-dourado num aquário, parando junto ao sofá para me dar uma palmadinha no braço e para me apertar delicadamente o pulso e dizer que sou igual à minha mãe.

Que bom.

— Alguém tem de parar a mulher — sussurra-me o Billy, o meu irmão mais novo. — Ela vai ter um treco. Com aqueles tornozelos minúsculos.

Ela é uma querida, mas começa a enervar-me. Se me tratar pelo nome da minha mãe é capaz de me saltar a tampa.

— Peço ao Louis para baixar o rádio — prossegue o primo Cary, entusiasmado com a história. — Porque estou a tentar perceber ao certo de onde vem este barulho. Pensei que estávamos a arrastar qualquer coisa.

A minha mãe passou meses doente antes de ser diagnosticada com cancro do pâncreas. Segundo o meu pai, ela tinha uma dor constante nas costas e no abdómen que ignorou por pensar que era da idade. E, um mês depois, estava morta. Mas, para mim, tudo isto começou apenas há uma semana. Uma chamada a meio da tarde do meu irmão Jay a pedir-me que viesse para casa, seguida de outra chamada do meu pai a dizer que a minha mãe não ia durar muito mais.

Todos eles me ocultaram a doença da minha mãe. Porque ela não queria que eu soubesse.

Não é de loucos?

— Durante quilómetros este barulho seguiu-nos. Estávamos todos pedrados, certo? Têm de compreender. Encontrei-me com uma *hippie* velha em Myrtle Beach que nos arranjou alguma canábis...

Alguém tosse e resmunga baixinho.

— Não vamos maçá-los com os pormenores — diz o primo Eddie. Os primos são varridos por olhares sabedores e sorrisos visivelmente conspiratórios.

— Adiante — recomeça o Cary, mandando-os calar. — Ouvimos um barulho, seja ele qual for. O Tony está a conduzir e a vossa mãe — diz ele, apontando o copo na nossa direção — está diante da geleira com um cachimbo de água por cima da cabeça como se fosse dar uma paulada mortal a um guaxinim ou algo que o valha.

Os meus pensamentos estão a milhas desta história ridícula, misturados com pensamentos sobre a minha mãe. Ela passou semanas deitada na cama, a preparar-se para morrer. O seu único desejo era que a sua única filha descobrisse que ela estava doente no último minuto possível. Até os meus irmãos foram proibidos de permanecer junto à cama dela nos seus últimos dias lentos e agonizantes. Como de costume, a minha mãe preferiu sofrer em silêncio e manter os filhos longe. À primeira vista, pode parecer que ela o fez a pensar nos filhos, mas suspeito de que o fez a pensar em si própria — queria evitar os momentos emotivos e intimistas que a sua morte iminente iria certamente criar, assim como evitou esses momentos em vida.

No final, sentiu-se aliviada por ter uma desculpa para não agir como nossa mãe.

— Nenhum de nós queria abrir a geleira e alguém gritou ao Tony para encostar a carrinha, mas ele estava assustado porque viu um carro da polícia um pouco atrás do nosso e, sim, passou-nos pela cabeça que estávamos a atravessar linhas estatais com contrabando, por isso...

E eu consigo perdoá-la. Até dar o último suspiro, ela foi fiel a si própria. Nunca fingiu ser outra coisa. Desde que éramos miúdos, deixou claro que não estava particularmente interessada em nós, por isso nunca esperámos grande coisa dela. Se bem que o meu pai e os meus irmãos deviam ter-me contado sobre a doença dela. Como é que se esconde uma coisa destas da nossa filha e irmã? Mesmo que vivesse a milhares de quilómetros de distância. Caramba, eles deviam ter-me contado. Poderia haver coisas que eu quisesse dizer-lhe. Se tivesse tido mais tempo para pensar no assunto.

— Por fim, a Laurie diz-me que vamos tirar a tampa e abrir a porta lateral e que o Tony vai abrandar o suficiente para expulsar seja o que for para a estrada.

Desprendem-se gargalhadas do público.

— Por isso, contámos até três, fechei os olhos e abri a tampa, a contar que qualquer coisa peluda e com garras me saltasse para a cara. Mas, em vez disso, vemos um tipo ali adormecido. Entrou sabe-se lá quando. Talvez em Myrtle Beach. Estava enroscado a dormir uma sesta.

Não foi assim que imaginei o meu regresso a Avalon Bay. A casa onde cresci repleta de pessoas enlutadas. De arranjos florais e de cartões de condolências em todas as mesas. Saímos do funeral há horas, mas parece que estas coisas nos perseguem. Durante dias. Semanas até. Nunca sabemos quando é aceitável dizer: «Pronto, já chega, voltem para a vossa vida e deixem-me voltar para a minha.» Como é que se deita fora um coração coberto de flores de noventa e um centímetros?

À medida que a história do Cary termina, o meu pai dá-me uma palmadinha no ombro e aponta com a cabeça para o corredor, chamando-me à parte. Está a usar um fato talvez pela terceira vez na vida e não me consigo acostumar. É mais uma situação invulgar. Regressar a um local que não reconheço, como se estivesse a acordar numa realidade paralela onde tudo é familiar, mas ao mesmo tempo não. Só apenas um pouco descentrado. Se calhar eu também mudei.

— Queria falar um pouco contigo — diz ele enquanto nos afastamos das festividades sombrias. Ele não consegue afastar as mãos da gravata, nem parar de mexer no colarinho da camisa. Abre-a e depois parece convencer-se a endireitá-la e a apertá-la novamente, como se se sentisse culpado por isso. — Eu sei que não há um momento certo para falar sobre o assunto, por isso tenho de perguntar.

— Que se passa?

— Queria saber se estás a planear ficar uns tempos por aqui.
Merda.

— Não sei, pai. Ainda não pensei muito nisso. — Não estava a contar ser encurralada assim tão cedo. Achei que teria tempo, talvez uns dias, para ver como corriam as coisas e tomar depois uma decisão. Saí de Avalon Bay há um ano por uma razão e teria preferido

manter-me longe, se não fossem as circunstâncias. Tenho uma vida em Charleston. Um emprego, um apartamento. Entregas da Amazon a acumularem-se junto à porta.

— Tinha esperança de que me pudesses ajudar com o negócio. A tua mãe geria a parte administrativa e as coisas descambaram desde que... — Ele cala-se. Nenhum de nós sabe como falar sobre o assunto... sobre ela. Parece-me errado, seja qual for o ângulo que usemos para a abordagem. Por isso, remetemo-nos ao silêncio e acenamos com a cabeça como se quiséssemos dizer: «Sim, eu também não sei, mas compreendo.» — Achei que, se não tivesses demasiada pressa, não te importarias de dar lá um salto para organizar aquilo.

Já contava que ele ficasse deprimido por uns tempos e que precisasse de algum tempo para lidar com a morte dela, para organizar as ideias. Talvez até fosse pescar ou algo do género. Mas isto... já é pedir demais.

— E o Kellan ou o Shane? Qualquer um deles deve saber mais sobre como gerir o negócio do que eu. Não me parece que nenhum deles queira que eu meta o bedelho.

Os meus dois irmãos mais velhos trabalham para o meu pai há anos. Além de uma pequena loja de ferragens, ele também é dono de uma empresa dedicada à instalação de pedras que trabalha com arquitetos paisagistas e pessoas que fazem remodelações de casas. Desde que sou miúda que a minha mãe trata das tarefas administrativas — encomendas, faturas, pagamentos — para que o meu pai se possa concentrar nas obras no exterior.

— O Kellan é o melhor encarregado que tenho e, com as reconstruções dos estragos provocados pelos furacões que andamos a fazer na costa sul, não me posso dar ao luxo de retirá-lo da zona de obras. E o Shane passou o último ano a conduzir de um lado para o outro com uma carta de condução expirada porque o desgraçado nunca abre a porcaria da caixa de correio. Iria à falência no espaço de um mês se o deixasse mexer na contabilidade.

Ele tem uma certa razão. Quer dizer, eu adoro os meus irmãos, mas quando os nossos pais pediram ao Shane para tomar conta de

nós, ele deixou o Jay e o Billy subirem ao telhado com uma caixa de foguetes. Os bombeiros foram lá a casa depois de os três rapazes começarem a lançar os foguetes com uma fisga para os filhos adolescentes dos vizinhos que estavam na piscina. Crescer com dois irmãos mais novos e três irmãos mais velhos foi uma diversão, no mínimo.

Mesmo assim, não estou disposta a ser uma substituta permanente da minha mãe.

Mordo o lábio.

— Quanto tempo tinhas em mente?

— Um mês, talvez dois?

Merda.

Fico a matutar por instantes e depois suspiro.

— Com uma condição — respondo-lhe. — Tens de começar a procurar uma nova gerente de escritório nas próximas semanas. Eu fico até encontrares a candidata ideal, mas não podes contar comigo a longo prazo. Combinado?

O meu pai passa o braço à volta do meu ombro e beija-me a parte lateral da cabeça.

— Obrigado, miúda. Estás a fazer-me um grande favor.

Nunca lhe consigo dizer que não, mesmo quando sei que estou a ser enganada. O Ronan West até pode dar imagem de durão, mas sempre foi um bom pai. Deu-nos liberdade suficiente para nos metermos em apuros, mas estava sempre lá para nos safar. Mesmo quando estava fulo connosco, nós sabíamos que ele se preocupava.

— Vai chamar os teus irmãos, está bem? Temos umas coisas para conversar.

Ele manda-me embora com uma palmadinha nas costas. A experiência ensinou-me que as reuniões de família nunca são um momento positivo. As reuniões de família trazem mais problemas. O que é assustador, porque pedir que mude a minha vida e volte temporariamente a casa já não é tarefa grande o suficiente? Passam-me pela cabeça coisas como rescindir o meu contrato de arrendamento ou arranjar um subarrendatário, deixar o meu emprego ou pedir uma licença sabática, e o meu pai ainda tem mais coisas em mente?

— Olá, cabeça de trampa. — O Jay, que está sentado no braço do sofá da sala de estar, dá-me um pontapé na canela quando estou a caminhar. — Vai buscar-me outra jola.

— Vai tu, fareja-rabos.

Ele já despiu o casaco e a gravata e tem a camisa branca desabotoada na parte de cima e as mangas enroladas. Os outros não estão muito melhores e já desistiram de manter o *smoking* imaculado desde que voltaram do cemitério.

— Viste a professora Grace? Da escola preparatória? — O Billy, que ainda não tem idade para beber, tenta oferecer-me um frasco, mas eu descarto-o com um aceno de mão. O Jay arranca-lho da mão. — Ela apareceu há uns minutos com o Corey Doucette com a estúpida da malinha com o cão.

— O Doucette Bigodes? — Esboço um sorriso ao lembrar-me da alcunha. No primeiro ano que lá andámos, o Corey deixou crescer uma penugem sinistra à *serial killer* e recusou-se a rapar aquela porcaria até ter escalado para a ameaça de suspensão se ele não se livrasse daquilo. Ele começava a assustar os professores. — A professora Grace deve ter o quê, uns 70 anos?

— Acho que ela tinha 70 anos quando eu andei na aula dela no oitavo ano — diz o Shane, a rir-se baixinho.

— Eles andam a comer-se? — O rosto do Craig contorce-se, horrorizado. Ele foi um dos alunos da turma à qual ela deu aulas no último ano antes de se reformar. O meu irmão mais novo anda agora no décimo segundo ano. — Isso é nojento.

— Vá lá — respondo-lhes. — O pai quer falar connosco no salão de jogos.

Depois de nos reunirmos, o meu pai começa novamente a remexer na gravata e no colarinho até o Jay lhe entregar o frasco e ele beber um gole, aliviado.

— Vou dizer logo de uma vez: vou vender a casa.

— Mas que raio? — O Kellan, o mais velho, fala por todos nós quando responde, incrédulo, ao anúncio do meu pai. — De onde veio isso?

— Só eu e o Craig é que vivemos aqui — responde o meu pai — e, como ele vai para a faculdade daqui a uns meses, não faz muito sentido manter este casarão vazio. Está na altura de reduzir.

— Pai, vá lá — intervém o Billy. — Onde vai dormir o Shane quando voltar a esquecer-se de onde vive?

— Foi só uma vez — resmunga o Shane, dando-lhe um murro no braço.

— Sim, vai-te lixar, foi uma vez. — O Billy dá-lhe um empurrão. — E daquela vez em que dormiste na praia porque não conseguias encontrar o teu carro estacionado a poucos metros de distância?

— Importam-se de se calar com isso? Parecem um bando de idiotas. Ainda há pessoas lá fora a chorar pela mãe.

Todos se calam num ápice. Por um minuto ou dois, tínhamo-nos esquecido. É recorrente. Esquecemo-nos e depois somos colhidos novamente pelo camião e voltamos ao presente, a esta estranha realidade que parece inacreditável.

— Foi como disse, é demasiada casa para uma só pessoa. Já me decidi. — O tom de voz do meu pai é firme. — Mas antes que possa colocá-la no mercado, temos de arranjá-la. Melhorá-la.

Parece que está tudo a mudar demasiado depressa e eu não consigo acompanhar. Mal tive tempo para aceitar que a minha mãe esteve doente antes de a enterrarmos e agora tenho de fazer as malas e mudar-me novamente para casa, apenas para descobrir que a minha casa não vai existir durante muito mais tempo. Levei uma chicotada, mas continuo de pé, a ver tudo à minha volta a girar.

— Não faz sentido esvaziar a casa até o Craig se mudar para a faculdade no outono — diz o meu pai —, por isso ainda falta algum tempo. Mas pronto. Achei que mais valia saberem já.

Depois de dizer isto, ele sai do salão de jogos. Os estragos tinham sido feitos. Deixa-nos a lidar com aquele seu anúncio chocados e estupefactos.

— Merda — diz o Shane como se tivesse acabado de se lembrar de que deixou as chaves na praia com maré alta. — Sabem quanta pornografia e erva velha está escondida nesta casa?

— Certo. — Com um ar sério, o Billy bate com as palmas da mão uma na outra. — Depois de o pai adormecer, começamos a arrancar as tábuas do chão.

Enquanto os rapazes discutem sobre quem recebe o contrabando perdido que possam encontrar, eu continuo a tentar recuperar o fôlego. Acho que nunca soube lidar bem com mudanças. Continuo com dificuldade em lidar com a minha própria transformação desde que deixei a cidade.

Contenho um suspiro e abandono os meus irmãos, avançando para o corredor, onde o meu olhar incide na única coisa desta cidade que não mudou nem um pouco.

O meu ex-namorado Evan Hartley.

CAPÍTULO 2

Genevieve

Este tipo tem lata para entrar aqui com aquele aspeto. Aqueles olhos provocadores e escuros que continuam presentes nas partes mais profundas da minha memória. Cabelo castanho, quase preto, que ainda sinto no meio dos dedos. É tão deslumbrante quanto as imagens que continuam a tremeluzir por detrás dos meus olhos. Vi-o pela última vez há um ano, no entanto, a minha reação ao vê-lo continua a mesma. Ele entra numa sala e o meu corpo repara nele antes de mim. Há uma eletricidade estática no ar que dança na minha pele.

É uma chatice, é o que é. E é ainda mais perturbador o facto de o meu corpo ter a audácia de reagir à presença dele, *agora*, no funeral da minha mãe.

O Evan está junto ao Cooper, o seu irmão gêmeo, a perscrutar a sala até dar pela minha presença. Os rapazes são idênticos, tirando algumas variações dos cortes de cabelo, mas a maioria das pessoas consegue distingui-los pelas tatuagens. O Cooper tem os braços completamente tatuados, ao passo que quase todas as tatuagens do Evan são nas costas. Já eu consigo distingui-los pelos olhos. Quer estejam brilhantes de malícia, quer tremeluzentes de alegria, desejo, frustração... sei sempre quando o Evan tem o olhar colado em mim.

Os nossos olhares cruzam-se. Ele acena com a cabeça. Eu aceno também e a minha pulsação acelera. Três segundos depois, eu e o

Evan percorremos o corredor em direção a um local onde não há testemunhas.

É estranho como nos sentimos à vontade com algumas pessoas, por mais tempo que tenha passado. Sou varrida por recordações de nós os dois, como uma brisa apaziguante. A percorrer esta casa com ele como se tivéssemos voltado aos tempos do secundário. A entrar e a sair de casa a toda a hora. A agarrar-me à parede para me manter de pé. A rir-me com sussurros histéricos para não acordar a casa toda.

— Olá — diz ele, estendendo os braços numa oferta hesitante, que eu aceito porque parece mais embaraçoso não o fazer.

Ele sempre foi bom a dar abraços.

Obrigo-me a não ficar muito tempo nos braços dele, a não inalar o seu cheiro. O seu corpo é quente e musculado e tão familiar para mim como o meu próprio corpo. Conheço cada centímetro daquele corpo delicioso e alto.

Apresso-me a recuar um passo.

— Pois, eu soube. Como é óbvio. Quis prestar condolências. — O Evan mostra-se tímido, quase acanhado, com as mãos enfiadas nos bolsos e a cabeça baixa para olhar para mim debaixo de pestanas grossas. Nem imagino a conversa de incentivo que foi preciso para o trazer aqui.

— Obrigada.

— E, bem, pois. — Ele puxa um chupa-chupa *Blow Pop* azul de um dos bolsos. — Trouxe-te isto.

Não chorei uma única vez desde que descobri que a minha mãe estava doente. No entanto, ao aceitar esta oferta estúpida do Evan, a minha garganta fica apertada e sinto um ardor nos olhos.

De repente, sou transportada para a primeira vez que trocámos um chupa-chupa. Outro funeral. Outro pai que morreu. Foi depois de o pai do Evan, o Walt, ter morrido num acidente de viação. Condução em estado de embriaguez, porque esse é o género de homem imprudente e autodestrutivo que o Walt Hartley era. Felizmente, mais ninguém se magoou, mas a vida do Walt terminou naquela

estrada escura na noite em que ele perdeu o controlo e embateu contra uma árvore.

Na altura eu tinha 12 anos e não fazia a menor ideia do que levar para um funeral. Os meus pais compraram flores, mas o Evan era um miúdo como eu. O que iria fazer com flores? Tudo o que eu sabia era que o meu melhor amigo e o rapaz por quem sempre tivera uma paixoneta enorme estava a sofrer muito e tudo o que eu tinha em meu nome era um mísero dólar. A coisa mais chique que podia pagar na loja era um chupa-chupa.

O Evan chorou quando eu lhe coloquei o chupa-chupa na mão trémula e me sentei em silêncio ao lado dele no alpendre traseiro da sua casa. Ele sussurrou «Obrigado, Gen» e depois ficámos ali sentados em silêncio durante mais de uma hora, a olhar para as ondas que embatiam na costa.

— Cala-te — murmuro para mim própria, agarrando o chupa-chupa com a palma da mão. — És tão tonto. — Apesar das minhas palavras, ambos sabemos que estou profundamente afetada.

O Evan esboça um sorriso entendedor e passa uma mão pela gravata, alisando-a. Ele aperalta-se bem, mas não demasiado bem. Quando este rapaz usa *smoking* há qualquer coisa que ainda me parece perigosa.

— Tens sorte por te ter encontrado primeiro — digo-lhe quando voltamos a conversar. — Não sei se os meus irmãos teriam sido tão simpáticos.

Com um sorriso imperturbável, ele encolhe os ombros.

— O Kellan bate como uma menina.

Típico.

— Vou ver se não me esqueço de lhe dizer que disseste isso.

Alguns primos fitam-nos do canto com ar de quem era capaz de arranjar uma razão para vir falar comigo, por isso agarro a lapela do Evan e empurro-o para a sala da lavandaria. Encosto-me à porta e depois olho em redor para me certificar de que a costa está livre.

— Não aguento ser arrastada para mais uma conversa sobre como faço as pessoas recordarem-se da minha mãe — gemo.

— Tipo, meu, da última vez que me viste eu ainda nem comia comida sólida.

O Evan ajusta novamente a gravata.

— Eles acham que estão a ajudar.

— Mas não estão.

Todos fazem questão de me dizer que a minha mãe era uma excelente mulher e que a família era muito importante para ela. É quase sinistro ouvir as pessoas a falar sobre uma mulher que não se parece minimamente com a pessoa que eu conheci.

— Como é que te estás a aguentar? — pergunta ele, bruscamente.

— A sério?

Encolho os ombros em resposta. Porque a questão é precisamente essa, certo? Já me fizeram a mesma pergunta uma dúzia de vezes nos últimos dias e, mesmo assim, não sei qual é a resposta certa. Ou, pelo menos, não a resposta que as pessoas querem ouvir.

— Não sei se sinto alguma coisa. Sei lá. Se calhar ainda estou em choque ou assim. Esperamos sempre que estas coisas aconteçam no espaço de segundos ou de meses. Mas isto? Sinto que não tive preparação suficiente. Vim a casa e, uma semana depois, ela estava morta.

— Eu percebo isso — diz ele. — Mal tiveste tempo para assimilar tudo antes de terminar.

— Há dias em que não sei para onde me virar. — Mordo o lábio.

— Começo a perguntar-me se há algo errado comigo.

Ele lança-me um olhar carrancudo de incredulidade.

— É a morte, Fred. Não há nada errado contigo.

Solto uma gargalhada ao ouvir a alcunha que ele usa comigo. Há muito tempo que não a ouço e quase me tinha esquecido de como soava. Houve uma altura em que respondia a essa alcunha mais do que ao meu próprio nome.

— A sério. Estou sempre à espera de que o luto chegue, mas não chega.

— É difícil emocionarmo-nos muito por uma pessoa que pouco nos ligava. Mesmo que essa pessoa seja a tua mãe. — Ele cala-se. — Talvez especialmente sendo as mães.

— É verdade.

O Evan compreende. Sempre compreendeu. Uma das coisas que temos em comum é uma relação pouco ortodoxa com as nossas mães. No sentido em que não há grande relação. Ao passo que a mãe dele é uma ideia pouco permanente na sua vida — ausente, a não ser nas poucas vezes por ano em que vem à cidade para andar a beber de tasco em tasco ou pedir dinheiro —, a minha estava ausente de espírito, mas não de corpo. A minha mãe era tão fria e desligada, mesmo nas minhas recordações mais antigas, que mal parecia existir de todo. Cresci com inveja dos canteiros de flores de que ela cuidava no jardim da frente.

— Quase me sinto aliviada por ela ter morrido. — Um nó sobe-me à garganta. — Não, é mais do que quase. É horrível de dizer, eu sei disso. Mas é como se... agora pudesse parar de tentar, percebes? De tentar e de me sentir pessimamente quando isso não muda.

Toda a vida fiz um esforço para ter uma relação com ela. Para perceber porque é que a minha mãe parecia não gostar muito de mim. Nunca consegui obter uma resposta. Talvez agora possa parar de perguntar.

— Não é horrível — diz o Evan. — Há pessoas que são péssimos pais. A culpa não é nossa por eles não nos saberem amar.

Exceto o Craig. A minha mãe sabia amá-lo. Depois de cinco tentativas falhadas, ela finalmente acertou na receita com ele. O seu filho perfeito que ela podia amar a vida toda. Adoro o meu irmão mais novo, mas eu e ele podíamos ter sido criados por duas pessoas diferentes. Ele é o único de nós que anda por aqui com os olhos vermelhos e inchados.

— Posso dizer-te uma coisa? — pergunta ele com um sorriso que me deixa desconfiada. — Mas tens de prometer que não me bates.

— Pois, não posso fazer uma coisa dessas.

Ele ri-se baixinho e lambe os lábios. Um hábito involuntário que sempre me pôs doida, porque eu sei do que aquela boca é capaz.

— Senti a tua falta — confessa o Evan. — Serei um idiota por ficar contente por alguém ter morrido?

Dou-lhe um murro no ombro e ele finge ficar magoado. Ele não está a falar a sério. Não pode. Mas, de um modo estranho, eu aprecio o sentimento, só porque me permite sorrir por um segundo ou dois. Respirar.

Brinco com a pulseira prateada fina que tenho à volta do pulso. Sem o olhar nos olhos.

— Também senti a tua falta. Um pouco.

— Um pouco? — Ele está a gozar comigo.

— Só um pouco.

— Hum-hum. Então pensaste em mim o quê, uma, duas vezes por dia quando estavas longe?

— Foi mais uma vez ou duas no *total*.

Ele ri-se.

Para ser sincera, depois de sair de Avalon Bay, passei meses a esforçar-me para afastar os pensamentos sobre ele quando estes insistiam em aparecer. A recusar as imagens que surgiam quando fechava os olhos à noite ou ia a um encontro. Acabou por ficar mais fácil. Quase consegui esquecê-lo. Quase.

E agora aqui está ele, e é como se não tivesse passado um segundo que fosse. Ainda temos esta bolha de energia a crescer entre nós. É evidente na forma como ele inclina o corpo na direção do meu, na maneira como a minha mão se mantém no braço dele mais tempo do que o necessário. No modo como é doloroso não lhe tocar.

— Não faças isso — ordeno, quando reparo na sua expressão. Estou aprisionada nos olhos dele. Agarrada, como quando a minha camisola fica presa na maçaneta da porta, só que é uma memória a enganar o meu cérebro.

— Não faço o quê?

— Tu sabes o quê.

O canto dos lábios do Evan ergue-se. Um ligeiro estremecimento. Porque ele sabe a forma como olha para mim.

— Estás bonita, Gen. — Ele está a fazê-lo novamente. O desafio nos seus olhos, as implicações no seu olhar. — Este tempo afastada fez-te bem.

O sacaninha. Não é justo. Odeio-o, mesmo quando os meus dedos lhe tocam no peito e deslizam pela parte da frente da sua camisola.

Não, o que odeio é a facilidade que ele tem de me possuir.

— Não devíamos fazer isto — murmuro.

Estamos afastados, mas continuamos visíveis para alguém que decida olhar na nossa direção. A mão do Evan desliza pela bainha do meu vestido. Ele levanta o tecido e arrasta suavemente as pontas dos dedos pela curva do meu rabo.

— Não — diz ele, quase sem fôlego, junto ao meu ouvido. — Não devíamos.

Por isso, como é óbvio, fazemo-lo.

Entramos na casa de banho ao lado da lavandaria e trancamos a porta atrás de nós. A respiração aloja-se na minha garganta quando ele pega em mim para me sentar no lavatório.

— Isto é uma péssima ideia — digo-lhe quando ele me agarra pela cintura e eu me encosto ao lavatório.

— Eu sei. — E depois ele cobre-me a boca com a dele.

O beijo é ávido e faminto. Céus, senti falta disto. Senti falta dos beijos dele e das investidas ávidas da sua língua, de como ele consegue ser destemido e descontrolado. As nossas bocas devoram-se uma à outra, quase demasiado bruscamente, e, mesmo assim, não me consigo fartar dele.

A expectativa e a ânsia são demasiado insuportáveis. Remexo nos botões da sua camisa e abro-a para arrastar as unhas pelo peito dele abaixo até a dor o obrigar a prender-me os braços atrás das costas. É excitante e brusco. Talvez um pouco irado. Tudo aquilo que ficou por acabar a desenrolar-se normalmente. Fecho os olhos e preparo-me para a viagem, deixando-me perder no beijo, no sabor dele. Ele beija-me com mais força, com mais intensidade, até eu ficar louca de desejo.

Não consigo aguentar mais.

Liberto os braços para lhe desapertar o cinto. O Evan observa-me. Observa os meus olhos. Os meus lábios.

— Senti falta disto — sussurra ele.

Eu também, mas não sou capaz de o dizer em voz alta.

Arquejo quando a mão dele desliza por entre as minhas coxas. A minha própria mão está a tremer enquanto a enfio dentro dos boxers dele e...

— Está tudo bem aí? — Uma voz. E depois uma batida na porta. Toda a família que tenho está do outro lado da porta.

Fico imobilizada.

— Sim — responde o Evan, com as pontas dos dedos a meros centímetros do local que ansiava por ele.

Deslizo de cima do lavatório, afasto a mão dele de mim e retiro a mão de dentro das suas cuecas. Antes mesmo de as minhas sabrinhas tocarem no chão de azulejo, já me odeio. Estou na mesma divisão com ele há dez minutos e perco todo o autocontrolo.

Quase fiz sexo com o Evan Hartley no velório da minha mãe, por amor de Deus. Se não tivéssemos sido interrompidos, não tenho a menor dúvida de que o teria deixado possuir-me ali mesmo. É um novo golpe baixo, mesmo para mim.

Caramba.

Passei o último ano a treinar-me para, pelo menos, parecer uma adulta funcional normal. Para não sucumbir a cada instinto destrutivo assim que ele me entra na cabeça, para exercer alguma contenção. E depois o Evan Hartley lambe os lábios e eu fico pelo beicinho.

A sério, Gen?

Enquanto arranjo o cabelo ao espelho, vejo-o a observar-me com uma pergunta na língua.

Por fim, ele exprime-a.

— Estás bem?

— Não acredito que quase fizemos aquilo — murmuro, com a vergonha a arranhar-me a garganta. Depois encontro a compostura e ergo as defesas. Levanto a cabeça. — Só para que fique bem claro, isto não vai acontecer.

— Que raio quer isso dizer? — O olhar ofendido dele cruza-se com o meu no reflexo.

— Quer dizer que vou ficar na cidade durante uns tempos para ajudar o meu pai, mas, enquanto aqui estiver, não nos vamos ver.

— A sério? — Quando ele lê a minha expressão determinada, a sua expressão torna-se amargurada. — Mas que raio, Gen? Enfiar a língua pela minha goela abaixo e depois mandas-me bugiar? Isso é muito mau.

Viro-me para ele e encolho os ombros com uma indiferença fingida. Ele quer que eu discuta com ele porque sabe que vou ficar com os nervos à flor da pele e, quanta mais emoção ele retirar de mim, maiores são as suas hipóteses. Mas eu não vou voltar ao mesmo, não desta vez. Isto foi um momento de fraqueza. Uma loucura temporária. Mas já me sinto melhor. A minha cabeça já voltou ao sítio certo. Tirei as ideias da cabeça.

— Sabes que não conseguimos manter-nos longe um do outro — diz-me ele, cada vez mais frustrado com a minha decisão. — Passámos a nossa relação toda a tentar. Não funciona.

Ele tem uma certa razão. Até ao dia em que finalmente saí da cidade. Desde o décimo ano que andamos sempre a terminar e a reatar. Com discussões e pazes constantes. Às vezes sou a traça e outras vezes sou a chama.

Aquilo que concluí a dado momento é que a única forma de vencer é não ir a jogo.

Destranco a porta e paro para dar uma olhadela por cima do ombro.

— Há uma primeira vez para tudo.

CAPÍTULO 3

Evan

Isto é o que dá tentar ser um bom rapaz. Ela precisava de esquecer por uns instantes — tudo bem. Nunca, mas nunca, me vou queixar de beijar a Genevieve. Mas ela podia pelo menos ter sido simpática depois. «Vamos sair mais tarde para beber um copo, pôr a conversa em dia.» Descartar-me é um gesto duro, até mesmo para ela.

A Gen sempre foi um bico de obra. É uma das coisas que me cativam nela. Mas ela nunca olhou para mim com tanto desinteresse. Como se eu não fosse ninguém para ela.

Brutal.

Enquanto saímos da casa dos Wests e nos encaminhamos para a carrinha do Cooper, ele lança-me um olhar desconfiado. Tirando a aparência, somos pessoas completamente diferentes. Se não fôssemos irmãos, o mais certo era nem sequer sermos amigos. Mas somos irmãos — pior ainda, gémeos —, o que significa que conseguimos ler os pensamentos um do outro com um mísero olhar.

— Estás a gozar comigo — diz ele, suspirando com aquilo que se tornou um estado de julgamento quase permanente colado ao seu rosto. Ele tem passado meses a chatear-me com tudo e mais alguma coisa.

— Esquece. — Para ser sincero, não estou com pachorra.

Ele afasta-se do passeio entre a longa fila de carros estacionados na rua para participar no velório.

— Inacreditável. Tu enrolaste-te com ela. — Ele olha-me de lado, o que eu decido ignorar. — Valha-me Deus. Passaste dez minutos lá. Deste-lhe as condolências e enfiaste-lhe o pénis de seguida?

— Vai-te foder, Coop. — Pondo assim as coisas, parece um pouco mau.

Um pouco?

Pronto. Está bem. Se calhar estar a ponto de fazer sexo no velório da mãe dela não foi a melhor das ideias, mas... mas senti a falta dela, caramba. Ver novamente a Gen, depois de mais de um ano de afastamento, foi uma espécie de murro no estômago. A minha ânsia de lhe tocar, de a beijar, quase roçou o desespero.

Talvez isso faça de mim um sacana fraco, mas é o que é.

— Acho que já fizeste isso que baste pelos dois.

Cerro os dentes e obrigo-me a olhar pelo vidro. Quando o nosso pai morreu e a nossa mãe nos abandonou quando éramos crianças, o Cooper meteu na cabeça que eu queria que ele se tornasse uma mistura dos dois. Um cretino chato e rabugento que está sempre desiludido comigo. Durante uns tempos, as coisas melhoraram depois de ele assentar com a namorada, a Mackenzie, que conseguiu arrancar o pau do rabo dele. Mas agora parece que o facto de estar finalmente na sua primeira relação estável o levou novamente a pensar que tem o direito de julgar a minha vida.

— Não foi nada assim — digo-lhe. Porque consigo senti-lo a lançar-me um olhar fulminante. — Algumas pessoas choram quando estão de luto. A Gen não é de chorar.

Ele abana a cabeça e remexe as mãos no volante enquanto o maxilar mói os molares, como se eu não conseguisse ouvir o que ele está a pensar.

— Não provoques um aneurisma em ti próprio, mano. Desembucha de uma vez por todas.

— Ela está na cidade há uma semana e já estás metido até ao pescoço. Eu disse-te que era má ideia vir aqui.

Nunca daria esse gostinho ao Cooper, mas ele tem razão. A Gen aparece e eu perco a cabeça. Sempre foi assim connosco. Somos dois

químicos maioritariamente inofensivos que, quando misturados, se tornam uma combinação explosiva, nivelando um bloco com água salgada.

— Até parece que assaltámos uma loja de bebidas. Tem calma. Só nos beijámos.

A desaprovação do Cooper transborda dele.

— Hoje foi só um beijo. Amanhã é outra coisa qualquer.

E daí? Não é como se estivéssemos a magoar alguém. Lanço-lhe um olhar desaprovador.

— Meu, o que é que isso te importa?

Ele e a Genevieve costumavam dar-se bem. Eram mesmo amigos. Eu percebo que ele talvez esteja ressentido pela forma como ela saiu da cidade, mas ela não o abandonou propriamente a ele. De qualquer forma, já passou um ano. Se eu não estou chateado, porque é que ele havia de estar?

No semáforo, ele vira-se para me olhar nos olhos.

— Olha, és meu irmão e eu adoro-te, mas és um imbecil quando ela está por perto. Nestes últimos meses conseguiste orientar a tua vida. Não desperdices isso tudo por uma miúda que nunca vai deixar de armar confusão.

Há qualquer coisa nas palavras dele — não sei, o ódio que lhe transparece na voz, a condescendência — que me deixa irritado. O Cooper consegue ser um idiota presunçoso quando quer.

— Não estou propriamente a namorar com ela outra vez, está bem? Não sejas tão dramático.

Encostamos junto à nossa casa de praia estilo chalé de dois andares que pertence à nossa família há três gerações. A casa estava em péssimo estado antes de iniciarmos as remodelações nos últimos meses. Gastámos a maior parte das nossas poupanças e do nosso tempo, mas está a compor-se.

— Sim, continua a convencer-te disso. — O Cooper desliga o carro com um suspiro de desespero. — O mesmo padrão de sempre: parte quando lhe dá na gana, volta de repente e tu ficas logo pronto para cozinharem bolachas juntos. Faz-te lembrar uma mulher que

tu conheces? — Depois de dizer isto, ele sai da carrinha e fecha a porta com estrondo.

Poça! Isto era desnecessário.

Dos dois, o Cooper é quem ficou mais ressentido com a nossa mãe, a ponto de ficar ressentido comigo por não precisar de a odiar tanto quanto ele. Se bem que, na última peripécia dela, eu fiquei do lado dele. Disse-lhe que ela já não era bem-vinda cá em casa depois do que ela lhe fez. A Shelley Hartley finalmente pisou o risco.

Mas parece que ficar do lado do Cooper não foi suficiente para ele me dar uma abébia. Hoje, é só golpes baixos de todo o lado.

No jantar, umas horas depois, o Cooper ainda não esqueceu a Gen. Não faz parte da natureza dele.

Caramba, é irritante. Estou a tentar comer o meu esparguete e este imbecil continua a criticar-me enquanto conta à Mackenzie, que tem vivido connosco nos últimos meses, que eu comi a minha ex em cima do caixão ainda quente da mãe dela.

— O Evan diz que demora um minuto e depois deixa-me sozinho naquela casa para dar as nossas condolências ao pai dela e aos cinco irmãos, que estão convencidos de que a culpa de ela ter deixado a cidade há um ano é do Evan — resmungo o Cooper enquanto espeto o garfo numa almôndega. — Eles começam a perguntar onde ele está e, entretanto, a filha do Sr. West está dobrada sobre a banheira ou algo que o valha por causa dele.

— Só nos beijámos — respondo, exasperado.

— Coop, vá lá — diz a Mac, afastando a boca do garfo que está coberto de massa que fica a pairar no ar. — Estou a tentar comer.

— Sim, tem um pouco de tato, idiota — respondo.

Quando eles não estão a olhar, eu deslizo um pedaço de almôndega na direção da *Daisy*, a *golden retriever* que está aos meus pés. O Cooper e a Mac resgataram-na do pontão no ano passado e ela quase duplicou de tamanho desde aí. Primeiro, não fiquei contente com a ideia de tomar conta desta criatura que a nova namorada do Cooper nos atirou para cima, mas depois ela passou uma noite enroscada no

fundo da minha cama a sonhar com cachorrinhos e eu quebrei como um boneco barato. E desde essa altura que a cadela me tem na palma da patinha. É a única rapariga que posso ter a certeza de que não me irá abandonar. Felizmente, a relação do Coop e da Mac tem corrido bem, por isso não precisámos de iniciar uma batalha pela custódia.

Às vezes, a vida é engraçada. No ano passado, eu e o Cooper engendrámos um esquema inegavelmente maldoso para sabotar a relação da Mac com o namorado da altura. Em nossa defesa, o tipo era um imbecil. E depois o Cooper teve de estragar a diversão e apaixonar-se pela miúda rica da faculdade. A princípio, não a suportava, mas afinal avalei mal a Mackenzie Cabot. Pelo menos fui homem o suficiente para admitir que a tinha julgado mal. Já o Cooper não consegue guardar os pensamentos para si no que diz respeito à Gen. Típico.

— Então o que se passa mesmo convosco? — pergunta a Mac, com a curiosidade a brilhar nos seus olhos verde-escuros.

Mesmo? Por onde começo a responder a isso? Eu e a Genevieve temos uma história. Uma história longa. Parte dela é ótima. Outra nem por isso. As coisas sempre foram complicadas entre nós.

— Começámos a andar no décimo ano — digo à Mac. — Ela era a minha melhor amiga. Alinhava em tudo e estava sempre pronta para uma gargalhada.

De repente, a minha mente enche-se de imagens de nós aos beijos nas motas às duas da manhã com uma garrafa de tequila entre nós. A surfar as ondas enquanto somos atingidos por um furacão e depois a ultrapassarmos a tempestade na parte de trás do jipe do irmão dela. Eu e a Gen desafiávamos constantemente os limites um do outro no que tocava a aventuras e tivemos uns quantos encontros com a morte ou com a mutilação dos quais não tínhamos o direito de escapar ilesos. Não havia nenhum adulto na relação, pelo que nunca houve um momento em que alguém tivesse dito basta. Estávamos sempre em busca da adrenalina.

E a Gen adorava a adrenalina. Era destemida e intrépida. Era ela própria, sem pedir desculpa por isso, e pouco importava o que os

outros diziam. Ela punha-me louco. Mais do que uma vez parti o pulso a lutar contra um imbecil qualquer que a tinha encostado a um canto num bar. Sim, talvez fosse possessivo, mas não mais do que ela. Ela puxou os cabelos a uma rapariga que me olhou com ar de cobiça. A maior parte destes momentos teve que ver com a intermitência do nosso relacionamento — os ciúmes, as lutas e os olhares lançados para que o outro ficasse com ciúmes. Foi um tanto doentio, mas era a nossa linguagem. Eu era dela e ela era minha. Estávamos viciados no sexo de reconciliação.

Os momentos tranquilos eram igualmente viciantes. Como quando estávamos deitados numa manta de praia no nosso lugar favorito em Avalon Bay, com a cabeça dela pousada na dobra do meu braço e o meu braço à volta dela enquanto olhávamos para as estrelas. A sussurrar os nossos segredos obscuros um ao outro, sabendo que nunca haveria julgamento da outra parte. Além do Cooper, só ela é que alguma vez me viu chorar.

— Terminámos e reatámos diversas vezes — admito. — Mas a nossa relação era assim. E depois, no ano passado, ela foi-se embora de um momento para o outro. Um dia fez as malas e saiu da cidade. Não disse nada a ninguém.

Sinto um aperto doloroso no coração ao recordar esse momento. A princípio, julguei que fosse uma brincadeira. Que a Gen tinha partido com as amigas e que queria que eu ficasse preocupado e fosse até à Florida ou assim para a encontrar e que depois lutasse um pouco e fizéssemos as pazes. Até as raparigas me terem garantido que ela não lhes tinha dito nada.

— Descobri depois que ela tinha assentado arraiais em Charleston e começado uma vida nova. Assim do nada. — Engulo a amargura que me bloqueia a garganta.

A Mac fita-me por instantes. Tornámo-nos bastante próximos desde que ela começou a viver aqui, por isso eu sei que ela está a tentar arranjar uma forma simpática de me dizer que sou um desastre. Não que eu não saiba.

— Vai em frente, princesa. Diz o que te vai na cabeça.

Ela pousa o garfo e afasta o prato.

— Parece-me uma situação tóxica para os dois. Talvez a Gen estivesse certa em terminá-la de vez. Talvez seja melhor para vocês manterem-se longe um do outro.

Dito isto, o Cooper lança-me um olhar, porque não há nada que ele goste mais do que de dizer que bem me avisou.

— Eu disse a mesma coisa ao Cooper sobre ti — relembro-lhe. — E agora olha para vocês.

— Por amor de Deus. — O Cooper atira os utensílios para o prato e a cadeira dele range contra o chão de madeira. — Não podes comparar os dois. Nem de perto. A Genevieve é desvairada. A melhor coisa que ela fez por ti foi parar de atender as tuas chamadas. Esquece isso, meu. Ela não está aqui por ti.

— Sim, deves estar a adorar isto — digo, limpando a boca com o guardanapo antes de o atirar para a mesa. — Porque isto é uma vingança, certo?

Ele suspira e esfrega os olhos como se eu fosse um cão que se recusa a ser treinado. Sacana condescendente.

— Estou a tentar olhar por ti porque estás demasiado cego pelo pénis para veres onde isto vai terminar. Onde vocês terminam sempre.

— Sabes — digo, levantando-me da mesa —, talvez deveses parar de projetar todos os teus traumas em mim. A Genevieve não é a Shelley. Para de tentar punir-me por estares chateado por a tua mamã te ter abandonado.

Arrependo-me das palavras assim que elas saem da boca, mas não volto atrás enquanto a *Daisy* me segue até à porta da cozinha e nos encaminhamos para a praia. A verdade é que ninguém sabe melhor do que eu os problemas pelos quais eu e a Gen passámos. Como é impossível escaparmos um ao outro. Mas é assim. Agora que ela voltou, não consigo ignorá-la.

Aquilo que existe entre nós — este chamamento — não me deixa.

ELA VIROU COSTAS AO PASSADO. MAS ESTÁ NA HORA DE O ENFRENTAR.

Quando Genevieve West regressa a casa para o funeral da mãe, está decidida a manter-se afastada do seu ex-namorado, Evan Hartley. Os dois viveram em tempos uma história repleta de paixão, mas também de turbulência, e Gen sabe que não pode voltar a seguir por esse caminho. Mas é impossível evitar cruzar-se com Evan numa cidade tão pequena, e, quando o inevitável reencontro acontece, torna-se evidente que ele continua a ser tão rebelde e irresistível como dantes.

No entanto, Gen mudou de rumo e não tenciona deixar-se arrastar de novo para uma vida de excessos. Agora, o seu plano é ajudar o pai a organizar o negócio até que ele encontre um novo funcionário, e depois partir.

Evan, por seu lado, sabe que ele e Gen podem ser perfeitos juntos, só precisa de a convencer de que também ele pode mudar. Mas poderá alguém livrar-se da má fama e reconstruir a sua vida? É isso que Gen e Evan estão prestes a descobrir...

DA MESMA SÉRIE:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@ topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897878237



9 789897 878237 >